



II FÓRUM INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO  
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO  
XIV FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO  
XVII SEMINÁRIO REGIONAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
De 27 à 30 de abril de 2016 na Universidade de Santa Cruz do Sul.

## AUTORIA E EDUCAÇÃO POÉTICA NA PÓS-GRADUAÇÃO

Ana Cristina do Amaral Lovato<sup>1</sup>-UNISC

Carla Cristiane Mergen<sup>2</sup>-UNISC

**GE: Educação, Neurociência e Complexidade.**

### Resumo

Pretendemos, neste trabalho, relatar uma experiência de escrita como construção de autoria e educação poética no programa de pós – graduação em Educação – PPGEDU/UNISC, a partir do vivido por nós mestrandas e autoras deste texto. Para fazer este relato, nos debruçamos nas escritas feitas como atividades, reflexões e avaliações nas disciplinas, pertencentes à Linha de Pesquisa “Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem na Educação, cursadas no primeiro ano do Mestrado. Além disso, nossas conversas e nossas próprias expectativas em relação à escrita com autoria se tornam elementos fundamentais na construção deste relato. Neste contexto, entendemos a linguagem como fenômeno que ocorre na interação e na convivência (MATURANA, 2002) e a aprendizagem como um processo auto-eco-organizativo (MORIN, 2015). A partir desta perspectiva, as práticas de escrita privilegiam encontros com o outro, massobretudo conosco mesmos. Nesta trajetória tivemos a oportunidade de experimentar a escrita acadêmica de maneira diferente da que estávamos

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul, Bolsista CAPES/ PROSUP/TAXA, e-mail: [anacbraz@yahoo.com.br](mailto:anacbraz@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Mestranda em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul, e-mail: [carlamergen@hotmail.com](mailto:carlamergen@hotmail.com)

acostumadas, ou seja, a fugir do rigor e da burocracia que envolve a dimensão escrita da linguagem em contexto universitário. Fomos, ao longo deste período, nos descobrindo enquanto autoras dos nossos próprios textos, ao dizer aquilo que faz sentido para nós, com fundamento científico. Ficamos encantadas com as possibilidades da autoria e de uma educação poética, voltada para o sensível num espaço linguageiro. Emoções e linguagem nos levaram e continuam nos levando à autoria na escrita acadêmica e formação, enquanto pesquisadoras em Educação. Desta forma, a ação de escrever que sempre se mostrou uma ação importante para nós, agora é também uma forma de ser e estar no mundo (ECHEVERRÍA,2006), de imprimir nossa identidade.

**Palavras-chave:** Linguagem, Escrita, Autoria, Educação poética, Pós-graduação.

*Tudo o que cessa é morte, e a morte é nossa  
Se é para nós que cessa.  
Aquele arbusto Fenece,  
e vai com ele  
Parte da minha vida.  
Em tudo quanto olhei fiquei em parte.  
Com tudo quanto vi, se passa, passo,  
Nem distingue a memória  
Do que vi do que fui.*

Ricardo Reis  
(heterônimo de Fernando Pessoa)

## **INÍCIO DA TRAJETÓRIA PARA AUTORIA**

Ingressamos no Programa de pós-graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul no curso de mestrado em fevereiro de 2015 com muitas expectativas e muitas foram as novidades: novos colegas e professores, diferentes perspectivas teóricas e outros modos de pensar. Logo no primeiro dia de aula, fomos surpreendidas por uma carta escrita como forma de apresentação pela professora da disciplina Filosofia e Educação da Linha de pesquisa Aprendizagem, linguagem e Tecnologias na Educação. Na carta, a professora nos conta um pouco de sua trajetória profissional e suas experiências de pensamento de uma

forma bastante particular. E ao final, nos faz um convite para também escrevermos nossas experiências de pensamento após as leituras e discussões que se fariam ao longo do trimestre.

A carta nos chamou a atenção pela sua forma. Mais do que uma carta, encontramos nela traços de autoria, num entrelaçamento poético. As palavras foram mesmo “escovadas” como a professora gosta de dizer, estas foram escolhidas com um cuidado especial para quem está iniciando uma nova trajetória de estudos e aprendizagens. As reações dos colegas ao convite de escrita da professora foram bastante diferentes, uns demonstraram certa preocupação e outros, apesar de certa estranheza, gostaram do desafio. Incluímo-nos no segundo grupo, pois esse convite deu início a uma série de escritas em um percurso reflexivo complexo, diferente ao qual estávamos acostumadas.

Tínhamos uma grande preocupação com a forma, com a técnica na produção de textos acadêmicos e a escrita mais sensível nos causava um certo receio. Porém, a convivência com outros modos de pensar e a interação com colegas e a professora, neste período, configurou um contexto de muitas indagações e inquietações a respeito da linguagem e dimensão escrita da linguagem. O que podemos perceber no trecho abaixo, que é um recorte da carta que foi entregue por Ana ao final da disciplina já mencionada:

Os textos trabalhados e a própria fala da professora Sandra em relação à Linguagem – em suas diferentes dimensões – me inquietaram bastante e neste sentido Larrosa (2001) nos diz que:

... Lo que es inquietante es que el lenguaje no es sólo un sistema de signos utilizados para la representación de la realidad o para la expresión del sentido (...) lo que es inquietante es que el pensamiento del lenguaje, y el habla del lenguaje y el saber del lenguaje también se producen en el lenguaje, por el lenguaje y como lenguaje. (p.74/75)

Assim, a experiência de pensar a Linguagem trouxe-me muitas dúvidas, questionamentos e desconstrução daquilo que tinha como “certo”, “concreto”, “verdade absoluta”. Mas ao confrontar tudo isso passo a acreditar que essas tensões me constituirão enquanto pesquisadora e até mesmo como pessoa (carta aos colegas: ou Ensaio de uma experiência de pensamento).

Em outra passagem, agora retirada da carta escrita por Carla, podemos destacar o cuidado com as palavras e o gosto pela poesia:

Início essa carta brincando com as palavras. Brincar com as palavras faz com que linguagem e poesia se entrelacem e teçam a beleza da existência humana: o conhecimento. Conhecer é viver. É fascinante. É como a libertação da caverna de Platão. Apesar de Platão ter expulsado os poetas da sua cidade perfeita, ousou poetizar sobre seu mito.

Com a leitura de nossas produções textuais em aula, ao final do trimestre, percebemos, por um lado, que muitos se arriscaram a escrever suas memórias e experiências de uma maneira menos formal e por vezes em primeira pessoa. Além das reflexões acerca dos conteúdos da disciplina, muitas palavras produziamecantamento naqueles que as ouviam. Era possível identificar traços de seus autores. Por outro lado, muitos dos textos foram apresentados sem uma conexão com quem o escreveu. Uma escrita sem relação com o vivido, distante daquele que escreve.

## **O PROCESSO REFLEXIVO NA EXPERIÊNCIA DA ESCRITA**

No segundo trimestre, iniciamos nossos estudos na disciplina Pesquisa e Aprendizagem na Educação. As leituras e as discussões propostas nesta disciplina nos levaram à reflexão sobre o surgimento de uma nova maneira de se entender a ciência e, desta forma, começar a compreender a realidade, o outro e a nós mesmos, enquanto seres vivos que tem a como principal característica a troca constante com o meio externo. Aqui fomos compreendendo os pressupostos teóricos da complexidade, as teorias biológicas, o sistema auto-eco-organizativo, enfim, um pensamento científico diferente do tradicional.

Com base nesta perspectiva, passamos a pensar a linguagem como fenômeno, como um operar do observador, que ocorre nas interações, e que Maturana (2002) chama de “linguajar”. Segundo este autor a linguagem não é algo interno a um ser, mas um fenômeno biológico que se constitui na convivência e se modifica no viver. O que confirmam suas palavras:

A linguagem como fenômeno, como um operar do observador, não ocorre na cabeça nem consiste num conjunto de regras, mas ocorre no espaço de relações e pertence ao âmbito das coordenações de ação, como um modo de fluir nelas. Se minha estrutura muda, muda meu modo de estar em relação com os demais e, portanto, muda meu linguajar. Se muda meu linguajar, muda o espaço do linguajeio no qual estou, e mudam as interações das quais participo com meu linguajeio. Mas a linguagem se constitui e se dá no fluir das coordenações consensuais de ação, e não na cabeça, ou no cérebro ou na estrutura do corpo, nem na gramática ou na sintaxe (MATURANA, 2002, p. 27).

De acordo com Maturana (2002) somos seres que nos constituímos na linguagem. E ainda em relação à linguagem merecem destaque, também, as considerações feitas por Echeverría(2006) quando diz que a palavra gera um mundo novo para nós, gera realidades e “[...] Después de haberse dito lo que se dijo, e mundo ya no es el mismo de antes. Este fue transformado por el poder de la palabra”.(p. 44)

De acordo com a perspectiva da complexidade é através das nossas interações com o outro e como o meio que nos transformamos, nos renovamos e também aprendemos. Morin (2015) denomina esse processo como “auto-eco-organizativo”, no qual indivíduo e meio se influenciam mutuamente, numa relação de autonomia e dependência<sup>3</sup>.

No final da disciplina produzimos um memorial, no qual descrevemos nossa trajetória de aprendizagens e interações. Aqui tivemos mais uma oportunidade de dizer o que faz sentido para nós, o que percebemos e sentimos a partir da nossa experiência.

Abaixo, temos uma mostra de produção de escrita que se foi construindo com autoria:

Produzir sentidos sem jamais perder a poesia...ter a liberdade de inspiração, juntar, colar, experimentar, articular, somar, multiplicar e se utilizar do <sup>4</sup>pensamento complexo, não complicado, para isso. Essa é a minha ideia de pesquisa, considerando o fato de que as certezas não produzem sabedorias, conhecimentos...”  
A <sup>5</sup>“terra firme”, como já havia citado, não instiga a buscar o novo, a pensar diferente do que se pensava, a buscar fronteiras. (Carla).

A autoria aqui acontece na experiência mesmo de escrever, no acontecimento da escrita e na produção de sentidos, a partir da nossa percepção, do que nos toca. É experimentando e vivenciando que o ser humano vai se constituindo, conhecendo e produzindo a si próprio. Ee nesse fluxo vai se complexificando.

## **COMPLEXIFICANDO NOSSO CAMINHO**

Ainda no segundo trimestre do curso, nos deparamos também com a escrita de autonarrativas na disciplina “Educação e Autopoiesis”. Desde o início da disciplina a professora nos solicitou a escrita de autonarrativas e que fizéssemos a cada aula. Foi uma experiência instigante, já que na ação mesmo de escrever e narrar-se compreendemos o próprio processo de aprendizagem. É o que reflete essa frase: “Contudo, posso dizer que a disciplina proporcionou fundamentos importantes para pensar e dar sentido(s) ao meu próprio caminho, enquanto pesquisadora em Educação,...”(Ana)

---

<sup>3</sup> O ser humano, ao mesmo tempo, que é autônomo também é dependente das condições biológicas, culturais e sociais.

<sup>4</sup>Pensamento que nos propõe Morin (2015), capaz de unir e diferenciar, ultrapassar a visão do pensamento simplificador e reducionista.

<sup>5</sup> “Terra firme” remete ao artigo de Renato Janine Ribeiro Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme” disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20701999000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701999000100010&lng=en&nrm=iso).

Os encontros nesta disciplina nos trouxeram um pouco de conhecimento a cerca da quebra de paradigmas e a nova visão “ecológica”, visão esta que enfatiza a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (CAPRA,1996). Nesse sentido, o universo se apresenta como uma teia de dinâmica de eventos inter-relacionados e os seres vivos como sistemas autopoieticos<sup>6</sup>, auto-organizativos.

As interações vividas nesses encontros foram complementando o nosso pensar, colaborando para um pensar complexo e para uma escrita também complexa, que emerge das relações que estabelecemos nas “conversações”, que segundo Maturana (2002) é o entrelaçamento entre linguagem e emoções:

Com tudo isso, começo a estabelecer relações de sentido, potencializando o aprender coletivo, o estar juntos, o pensar a partir dessas interações, da circularidade e do “emocionar”. É na experiência, no viver, no fazer e nas trocas, que cada um vai construindo o conhecimento ao mesmo tempo que vai “sendo” no e com o mundo.(Ana).

Este trecho destaca a importância das interações para o conhecer, para o aprender. O aprender é um processo que depende das circunstâncias das interações vividas pelos seres humanos, ainda que nada que ocorra fora do organismo determine o que ocorre no seu interior, pois todo organismo vivo é um sistema determinado por estruturas, sendo que a estrutura de um organismo não é fixa e muda nos seus encontros com o meio com o qual interage. Organismo e meio mudam de forma congruente ao longo da vida(Maturana, 2002).

Segundo Maturana(2002) existimos e operamos em linguagem e também no fluxo de emoções. A escrita aqui também segue o caminho das emoções. Emoções<sup>7</sup> como disposições corporais que especificam nossas ações num espaço relacional.

A experiência com autonarrativas nos trouxe a possibilidade de um processo de complexificação, autopoietico, de escrita como constituinte de subjetividade, como a própria professora denominou no último dia de aula, em que apresentou um recorte de nossas autonarrativas e expôs sua visão e fundamentação à respeito da “escrita de si”<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup>O conceito de ‘autopoiesis’ foi introduzido por Maturana e Varela para definir os seres vivos como sistemas que produzem continuamente a si mesmos. “A palavra procede de dois vocábulos gregos: auto – por si e *poiesis*– produção. Portanto, *autopoiesis* expressaria a ideia de autoprodução dos seres vivos, o que foi aplicado originalmente ao funcionamento das células...” (PELLANDA, 2009, p.23)

<sup>7</sup>Para Maturana (2002) todas as nossas ações são determinadas pelas emoções, inclusive o uso da razão.

<sup>8</sup>Escrita como subjetivação

Abaixo destacamos um trecho desses desdobramentos das autonarrativas (poiesis em seu estado nascente):

### A alquimia das palavras

Palavras, expressões, sentimentos e emoções

São alquimistas, são encantos, são magia

Que persuadem nossas aspiração

E impregnam, muitas vezes, nostalgia [...]

Palavras, somente palavras

Consideradas o elixir da vida

E da morte. Em silêncios nostálgicos

Do ruído elas surgem altivas.[...]

Bruxaria? Poesia? Alquimia?

Na magia da auto-organização

A poção não mágica está pronta

Cheiros e significados

Gostos e desgostos

Silêncios ensurdecedores

Sentimento confuso

Visão embaçada

Na roda da vida. (Carla).

Com as autonarrativas, as marcas de autoria se tornaram mais visíveis, não só nos nossos textos, como nos textos dos demais colegas. Parece que todos se sentiram mais à vontade para falar a partir de um EU mais potente, demonstrando conhecimento dos pressupostos da disciplina em questão, sua transformação neste percurso e a inseparabilidade do ser/conhecer.

Do ponto de vista da complexidade cada um de nós percebe o mundo de forma diferente e também age sobre ele de forma diferente. Não existe uma única verdade. Por isso o observador não está separado do objeto e portanto, não pode ser observado de forma independente (MORIN, 2005). Neste sentido, a escrita converge para um contar-se e reinventar-se a si mesmo.

Para Gustsack (2008, p.6), “Quando aproximamos o ato de aprender com o viver, realizamos uma pedagogia de invenção da vida. Rompemos as barreiras da lógica como valor absoluto e nos entregamos à descoberta de que é melhor duvidar da ciência do que fundar nela uma crença...” Complementando este pensar Pellanda (2009) diz que “A ciência clássica nos acostumou a pensar como se estivéssemos fora daquilo que observamos. Do ponto de vista da estrutura dos sistemas vivos, como muito bem explica Maturana, não podemos ser externos à observação...”(p.26).

A partir dessas considerações, entendemos que o momento em que a professora compartilhou conosco suas percepções sobre os nossos textos foi muito significativo porque nos levou a refletir a cerca do nosso processo de aprendizagem, da nossa escrita e da escrita dos outros. E assim, aos poucos começamos a ousar em nossas escrituras e a imprimir nossas identidades, deixando transparecer pelo dito ou não-dito das palavras o que percebemos, sentimos, vivemos e aprendemos. Pois de acordo com Echeverría (2006), não há como dizer o que queremos, pensamos e conhecemos a não ser pela palavra, pela ação da palavra.

## **EDUCAÇÃO POÉTICA E AUTORIA**

O que vivemos nesses encontros todos que relatamos aqui, nos levaram a entender que só foi possível fugir de uma escrita burocratizada e fragmentada, que experimentamos na maioria das vezes em contexto acadêmico, por estarmos em meio a uma prática educacional que reconhece a complexidade da realidade e de nós seres humanos, de participarmos de um espaço relacional que nos leva a pensar de forma complexa e a escrever também de forma complexa, considerando nossas experiências e o diálogo entre as diversas áreas do saber.

O pensamento complexo, proposto por Morin (2015) nos leva ao reconhecimento do ser humano, enquanto ser sensível, ético, político e criativo. Esse pensamento difere do pensamento simplificado e reducionista da ciência clássica, que isola e separa sujeito/objeto, alma/corpo, espírito/matéria, porque busca unir/distinguir e não separar, considerando a contradição e o imprevisível, a certeza e a incerteza, a ordem e a desordem, a pluralidade e a unidade e sua complementaridade.

Conviver com a incerteza e a imprevisibilidade é um desafio constante não só na vida, como na escrita. Pois fomos acostumados a valorizar a objetividade e a razão em detrimento ao sensível e às emoções, a reproduzir modelos, priorizando a técnica e o bem dizer, ainda que distante do nosso dizer. Mas “O que os extremos esquecem é a admiração do corpo fascinado pelo poder poético de as linguagens nos aderir ao mundo e, dessa experiência de



comunhão, extrair modos de agir para aprender a decifrá-lo e interpretá-lo”. (RICHTER, 2005, p.188)

Assim, compreender o mundo e o ser humano com características, ao mesmo tempo, opostas e complementares é a base para uma educação potencializada pela dimensão poética da linguagem, que pressupõe reflexão e busca ações criadoras e criativas dos seres humanos, a partir de tensionamentos mais do que de defesa de pontos de vista.

Como já foi dito anteriormente, somos seres que nos constituímos em linguagem e é a linguagem que caracteriza os seres humanos, e ainda, segundo Echeverría (2006):

es precisamente a través del lenguaje que conferimos sentido a nuestra existencia y es también desde el lenguaje que nos es posible reconocer la importancia de dominios existenciales no lingüísticos.  
Incluso cuando apuntamos a los dominios del cuerpo y la emocionalidad (los dos dominios primarios no lingüísticos) no podemos sino hacerlo desde el lenguaje forma de conferir sentido, toda forma de comprensión o de entendimiento pertenece al dominio del lenguaje. No hay un lugar fuera del lenguaje, desde el cual podamos observar nuestra existencia. (p.21)

Desta forma, a nossa existência se dá a partir da linguagem, num espaço linguageiro.

Levando em conta o que foi dito aqui, entendemos que uma educação poética, se faz caminho para constituição da autoria em nossos textos, pelos muitos modos de estar e conviver em linguagem, pelo que “... nos instala em um mundo comum: a experiência linguageira e sua potência poética de plasmar sentidos singulares no coletivo mundano.” (RICHTER & BERLE, 2015, p.1029)

## **AUTORIA EM NOSSOS TEXTOS: PRIVILÉGIO DA CONVIVÊNCIA**

As práticas de escrita que experimentamos nas disciplinas “Filosofia e Educação”, “Pesquisa e Aprendizagem na Educação” e “Educação e autopoiesis” no nosso primeiro ano como mestrandas em educação privilegiaram encontros com o outro e também conosco mesmas. Nesta trajetória tivemos a possibilidade de fugir do rigor e da burocracia que envolve a dimensão escrita da linguagem em contexto universitário e que estávamos acostumadas. Fomos levadas a perceber a ruptura com a linearidade, com a certeza e com a ordem e a reconhecer o inacabado de todo conhecimento, que não se desfaz da clareza, da ordem e da organização, mas as considera e as agrega de forma complementar, de acordo com os pressupostos da teoria da complexidade.

Fomos, ao longo deste período, nos descobrindo enquanto autoras dos nossos próprios textos, ao dizer aquilo que faz sentido para nós, com fundamento científico. A autoria nos nossos textos acontece na experiência mesmo de escrever, no acontecimento da escrita.

A escrita foi aos poucos se rendendo a uma forma mais sensível e criativa de dizer o que queríamos, de demonstrar nossos desejos, memórias e pontos de vista, num percurso reflexivo que dá ênfase às nossas próprias experiências neste contexto de interações e aprendizagens. Assim, a possibilidade de refletir a cerca da nossa escrita e da escrita dos outros ao longo deste primeiro ano de curso foram fatores relevantes para a constituição da autoria.

Ficamos encantadas com as possibilidades da autoria e de uma educação poética, voltada para o sensível num espaço linguageiro. Nos percebemos donas das nossas palavras, do nosso dizer, potencializados pela ação de escrever a nossa maneira, sem necessidade de reproduzir modelos prontos e repetir frases de efeito. Cientes de que as palavras criam um mundo, uma realidade nova (ECHEVERRÍA, 2006).

Assim, emoções e linguagem nos levaram e continuam nos levando à autoria na escrita acadêmica e formação, enquanto pesquisadoras em Educação. Deste modo, a ação de escrever que sempre se mostrou uma ação importante para nós, agora é também uma forma de ser e estar no mundo, de imprimir nossa identidade.

## REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova concepção científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Pensamentos, 1996.

ECHEVERRÍA, Rafael. *Ontologia dellenguaje*. Buenos Aires: Granita, 2006.

GUSTSACK, Felipe. **Elogios da linguagem: perturbações na formação de professores**. 2008. Disponível em <<http://www.portalanpedsul.com.br>>. Acesso em: 8 jul. 2015.

LARROSA, Jorge. *Lenguaje y Educación*. **Revista Brasileira de Educação**, n. 16, p. 68-80, jan./abr. 2001. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27501608>>. Acesso em: 8 out. 2015.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

\_\_\_\_\_; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. 5. ed. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000. Disponível em:  
<<http://www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/textosdiversos/SeteSaberesEdgarMorin.pdf>  
>. Acesso em: 4 ago. 2015.

PELLANDA, N. M.C. **Maturana & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RICHTER, Sandra. **O sensível sob o admirar filosófico**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. jul/dez.2005.

RICHTER, Sandra & BERLE, Simone. Pedagogia como gesto poético de linguagem. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p. 1027-1043, out./dez. 2015